



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA

“ORIGEM” DO NOME CUITEGI: Verdades e mitos

GUARABIRA – PB

2014

VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA

“ORIGEM” DO NOME CUITEGI: Verdades e mitos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, para obtenção do grau de licenciado em História, tendo como orientador o Professor Dr. Juvandi de Souza Santos.

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586o Silva, Valter do Nascimento da
"Origem" do nome Cuitégi: [manuscrito] : verdades e mitos /
Valter do Nascimento da Silva. - 2014.
46 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos,
Departamento de História".

1. Toponímia. 2. Memória. 3. Cuitégi. I. Título.

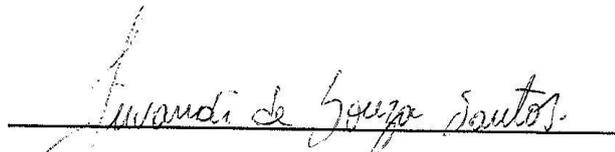
21. ed. CDD 909.091

VALTER DO NASCIMENTO DA SILVA

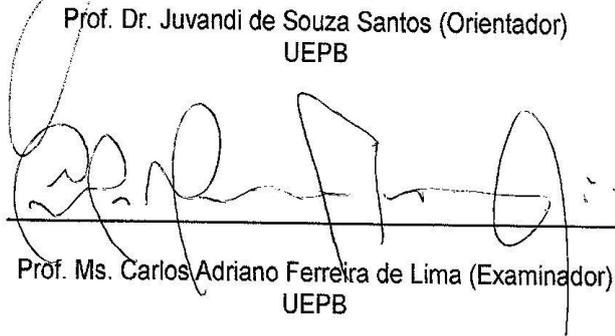
“ORIGEM” DO NOME CUITEGI: Verdades e mitos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, para obtenção do grau de licenciado em História, tendo como orientador o Professor Dr. Juvandi de Souza Santos.

Aprovado em: 18/07/2014



Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos (Orientador)
UEPB



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Examinador)
UEPB



Prof. Ms. Azemar dos Santos Soares Júnior (Examinador)
UEPB

Dedico em primeiro lugar ao meu “Deus” que sempre me deu forças pra seguir na caminhada. Também a todos que colaboraram para realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus que me concebeu a graça de buscar sempre o entendimento e o saber diante do processo de ensino-aprendizagem ao longo do curso.

Aos meus pais que direta ou indiretamente contribuíram para que este projeto se realizasse.

A minha família por sempre incentivar a busca pelo estudo e a formação.

Também não posso esquecer de agradecer ao historiador Vanderley de Brito pelo apoio durante a pesquisa.

Aos professores (as) da Universidade Estadual da Paraíba, os quais fizeram parte da minha trajetória na academia, de modo especial ao meu orientador Professor Dr. Juvandi de Souza Santos, que me incentivou e orientou com muita dedicação a concluir este curso.

Enfim, agradeço aos colegas de curso que sempre estiveram lado a lado ao longo desta jornada. A todos que me ajudaram e me deram forças para concluir e realizar este tão sonhado curso. Muito Obrigado!

Por isso o amor a terra pode construir uma boa razão para a História Local, por que o amor é mais perfeito e mais forte quando se apoia no conhecimento. Quem conhece a História da sua terra pode amá-la com mais consistência.

Francisco Ribeiro da Silva

RESUMO

O presente texto busca compreender a toponímia como um fator físico e cultural, ou seja, observando o ambiente físico e social na formação dos nomes das localidades. Desta forma, sabemos que a nomeação dos lugares sempre foi uma atividade exercida pelo homem desde o início dos tempos. Assim, para uma melhor análise, “o município de Cuitegi/PB é o nosso foco” nesse trabalho, pois com relação à origem do seu topônimo são levantadas muitas interpretações. A intenção não é fornecer uma cobertura completa e única do assunto, pois sabemos que muitos são os questionamentos em história, mas proporcionar através da memória dos indivíduos mais antigos da localidade maiores informações acerca dos fragmentos que construíram o nome do referido município. Para tanto, nessa pesquisa foi proposta a fonte oral, ou seja, a metodologia oral como pano de fundo para o desenrolar da mesma. Portanto, esta fora de grande valia, uma vez que tal método é construído através de fragmentos da memória coletiva dos moradores mais antigos da comunidade.

Palavras-chave: Toponímia. Memória. Cuitegi.

ABSTRACT

This text seeks to understand the topography as a physical factor and cultural, that is, by observing the physical and social environment in the formation of the names of the localities. This way, we know that the appointment of places always was an activity performed by man since the beginning of time. Thus, for a better analysis, "the municipality of Cuitegi/PB is our focus" in this work, because with respect to the origin of its name are raised many interpretations. The intention is to provide a complete coverage and only the subject, because we know that there are many questions in history, but provide through the memory of individuals older locality more information about fragments that have built the name of the municipality. For both, this research was proposed to oral source, i.e. the oral methodology as a background for the conduct of the same. Therefore, this outside of great value, since this method is built through fragments of the collective memory of the oldest inhabitants of the community.

Keywords: Topography. Memory. Cuitegi.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – OS PRIMÓDIOS DE CUITEGI	11
1.1. Formação e colonização do território paraibano.....	11
1.2. Itamaracá.....	13
1.3. Capitania Real da Paraíba.....	14
1.4. Índios potiguaras em Cuitegi?.....	16
1.5. Presença holandesa na Paraíba e sua importância no desbravamento para o interior e formação de núcleos habitacionais.....	18
CAPÍTULO II – O NOME CUITEGI	21
2.1. A Toponímia e suas características.....	21
2.2. A importância da “história oral” no fazer historiográfico.....	23
2.3. Historiografia: construção histórica – “Cuité”	25
2.4. Historiografia: desconstrução histórica – “gi”.....	30
CAPÍTULO III – FINALMENTE, O QUE É CUITEGI?	35
3.1. Abordagens feitas durante os capítulos anteriores.....	35
3.2. Visão popular do nome Cuitegi.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	45

INTRODUÇÃO

Quando falamos na origem dos nomes dos lugares e das palavras nos bate aquela dúvida acerca de onde viria a mesma, mas sabemos que a nomeação dos lugares sempre foi uma atividade exercida pelo homem. Assim, toponímia, segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 676), “é o estudo da origem dos nomes próprios dos lugares”. Nessa perspectiva é importante destacarmos neste trabalho a toponímia dos municípios de uma forma geral, pois diante de um estudo toponímico de uma certa localidade surge sempre uma pluralidade de fatos. Tratamos neste trabalho, em especial, a origem do nome do município de “Cuitegi/PB”. Sabemos que diante dos fatos ocorridos nos processos históricos de cada cidade, sempre vem a questão de como se originou, como se deu a sua fundação, por quem foi colonizada, qual a contribuição sociocultural deixada pelos primitivos e de onde veio, é claro, o “nome” daquela localidade.

O município de Cuitegi, situado geograficamente na Mesorregião do Agreste Paraibano e inserido na Microrregião de Guarabira, não passa despercebido desses processos históricos. O mesmo é objeto de pesquisa, pois diante das poucas e escassas fontes históricas, o que o torna vulnerável a muitos questionamentos e a diversas interpretações por parte de muitos historiadores e cidadãos comuns em relação ao seu topônimo. Ou seja, são várias as peripécias que circulam em torno da origem do nome deste citado. Assim, a toponímia deste município envolve verdades¹ e mitos². Este último Durval M. de Albuquerque Jr., o descreve:

Mais importante ainda para nossa reflexão é considerar que o mito é uma das formas de transformar o real em discurso, e como esta transformação é histórica, os mitos são falas produzidas na e pela história. Não há, portanto, mitos que sejam eternos, eles estão sujeitos ao nascimento e morte em dados contextos históricos. Os mitos são históricos porque, além de se constituírem de uma dada forma, esta forma está articulada a dadas ideias, a dadas concepções políticas, filosóficas, estéticas, a dados valores, aquilo que Barthes chama de ideologia. O mito é, portanto, uma ideia-em-forma. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 25).

Desta forma, o mito em torno do nome deste município que fora criado é o que vamos tentar desconstruir, esse sim, um dos motivos principais pelo qual veio o

¹ Entendemos e tratamos como “verdades” neste trabalho a visão popular criada em torno da árvore chamada “cuité” que deu inicialmente a motivação do topônimo deste município.

² Entendemos e tratamos como “mitos” neste trabalho a “criação ou invenção” local das pessoas mais antigas da comunidade, pois sabemos que o conceito de mito vai muito além do que será exposto neste ensaio.

interesse pela pesquisa. Nessa perspectiva o Durval M. de Albuquerque Jr. (2013) destaca que os mitos estão sujeitos a mortes, ou seja, em certo momento da história eles poderiam deixar de existir. Também notamos que fora criado uma mitologia cultural em torno deste. Portanto, esta será uma das questões que abordará este trabalho.

Assim, a história de seu topônimo foi criada a partir de relatos e experiências vivenciadas pelos moradores mais antigos, isto quer dizer, que suas fontes foram elaboradas através da cultura imaterial e intangível da memória coletiva, ou seja, uma história podemos dizer não oficial, mas que tem seus frutos considerados uma vez que toda narrativa expressada na sabedoria dos antigos tem seu valor científico, na chamada história nova ou nova história.

Portanto, para chegar a fatos que melhor esclarecessem as dúvidas ou até problematizá-las ainda mais foi utilizada nessa pesquisa a chamada “história ou metodologia oral”. Para tanto, utilizamos autores como José D`Assunção Barros, José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda, entre outros. A mesma que é uma metodologia que consisti em realizar entrevistas com aquelas pessoas mais antigas e que tenham muito ou pouco conhecimento dos fatos transcorridos, pois sabemos das limitações impostas aos mais antigos acerca da memória, que em muitas vezes falha. Tais entrevistas posteriormente transcritas e resultando em fontes documentais. Neste tipo de pesquisa, sabe-se que as lembranças dos antepassados podem chegar até nós de uma forma muito distorcida, uma vez que, o estudo deste está voltado a “esclarecer de forma mais clara” as dúvidas que até hoje rondam os cidadãos cuitegienses. Afinal, de onde vem a verdadeira origem deste nome?

Assim, o trabalho está dividido em três capítulos, onde o primeiro virá a abordar os princípios da formação e colonização do território que deu origem a este município e posteriormente sua toponímia. O segundo trará informações já da própria localidade, tais como o surgimento do povoado, a construção propriamente dita de seu topônimo com abordagens feitas a partir dos fatos considerados verdades e os criados como mitos. Por último, abordaremos a partir do que foi exposto no 1º e 2º capítulos, as conclusões e as visões dos populares daquilo que foi se tornando uma verdadeira odisseia.

CAPÍTULO I

OS PRIMÓRDIOS DE CUITEGI

1.1. Formação e colonização do território paraibano

Antes de começarmos a narrarmos os fatos que se seguiram no processo de conquista e colonização do território paraibano, indaguemos a seguinte questão: “quem vivia aqui antes da colonização?” Ou seja, estamos nos referindo aos elementos históricos pré-coloniais (antecedentes) do nosso município em estudo topônimo. Assim, analisaremos de uma forma linear os fatos ou os principais fatos, os quais culminaram com a fundação do nosso atual território, chamado Paraíba.

Como sabemos, o território brasileiro fora oficialmente descoberto pelo fidalgo³ Pedro Álvares Cabral, portanto, Bueno (1998, p. 45), nos confirma esta versão “No entardecer do dia seguinte, 22 de abril de 1500, a armada de Cabral ancorou em frente ao Monte Pascoal, 44 dias após ter partido de Lisboa”. Essa façanha de Cabral só foi possível graças ao Tratado de Tordesilhas⁴, pois, depois de muitos embates entre os monarcas espanhóis e portugueses, ficou decidido com o novo acordo que as terras descobertas e que viessem a serem descobertas no hemisfério oriental pertenciam a Portugal e as do hemisfério ocidental caberiam à Espanha.

É importante darmos ênfase a este episódio, pois há indícios de que três expedições espanholas estiveram por aqui. A primeira comandada por Vicente Pinzón, em novembro de 1499; o também espanhol Alonso de Ojeda, em meados do mesmo ano, e por fim, Diogo de Lepe, este que era da família de Pinzón. Assim:

Diante do exposto, percebe-se claramente que antes da esquadra do fidalgo português, Pedro Álvares Cabral, desembarcar no litoral brasileiro, três expedições espanholas já haviam estado no Brasil e só não tomaram posse das terras, porque as mesmas estavam localizadas na parte do mundo que pertenciam a Portugal, sobretudo, após o Tratado de Tordesilhas de 1494.

³ Indivíduo com título de nobreza; nobre, aristocrata. Indivíduo bem trajado e de maneiras refinadas. Pessoa que vive de rendimentos.

⁴ O Tratado de Tordesilhas foi assinado pelos Reis Isabel e Fernando de Castela e Aragão e pelo Rei Dom João II. Através do Tratado de Tordesilhas (7 de junho de 1494) foi definido o futuro do Brasil, que então seria uma província de Portugal, por estar localizado em sua área de poder. O Tratado de Tordesilhas vem colocar fim a uma série de disputas entre Espanha e Portugal sobre as terras que vinham sendo descobertas, justamente no período de expansão marítima onde desbravadores andavam a descobrir novas terras, novos horizontes, novos caminhos e mares. (MOREIRA, apud SANTOS & SILVA, 2010, p. 43).

Caso contrário, os portugueses viriam esse fato como um descumprimento total de uma Bula Papal, portanto, motivo para uma guerra entre as duas potências Ibéricas, o que naquele momento, não seria interesse para os dois países que se encontravam com os cofres vazios, devido por parte da Espanha, a expulsão dos mouros e, por parte de Portugal, o início das Grandes Navegações Marítimas. (SANTOS & SILVA, 2010, pp. 46-47).

Após a descoberta do território brasileiro, a coroa portuguesa não deu muita atenção às novas terras além-mar, principalmente durante os primeiros trinta anos. O Brasil fora muito rico em pau-brasil, este que seria a motivação dos portugueses em decidir colonizar tais terras recém-encontradas. No entanto, neste espaço de tempo datado de 1500 a 1533, ocorreu certa desatenção por parte da coroa e, desta forma, a mesma foi invadida por corsários⁵ e piratas franceses, estes por sua vez traficavam o pau-brasil para a Europa. Com receio de perder as suas posses e diante das ameaças constantes dos piratas, a coroa portuguesa decidiu, enfim, colonizar as terras descobertas,

O rei de Portugal, D. João III, decidiu iniciar a colonização do Brasil, caso contrário, perdê-lo-ia para os franceses e outros estrangeiros que traficavam no território. Durante 1530 a 1548 adotou vários modelos diferentes para colonizar as novas terras. No primeiro modelo que recebeu o nome de exclusividade régia (1530-1533), Portugal tentou com recursos próprios assegurar o empreendimento, sem obter sucesso colocou em prática em 1534, o segundo modelo que foi a exclusividade particular, que perdurou durante 14 anos (1534-1548), onde o governo recorreu à iniciativa de particulares para começar a colonização, e por fim, em 1548 o rei optou pelo sistema misto, ou seja, doações de Capitânicas hereditárias, geralmente a pessoas de posse e capitais reais, onde era a própria coroa quem bancava, em parte, a colonização, como no caso específico da Paraíba, criada em 1574 como Capitania Real. (SANTOS & SILVA, 2010, p. 63).

É com a decisão de tomar posse da Terra Brasilis⁶ que nasce as Capitânicas Hereditárias, esse sistema que surgiu com o intuito de preservar e colonizar as terras brasileiras. Esse sistema descentralizava o poder do governo e dentro dele cabia ao rei cobrar impostos e dízimos na colônia.

Segundo Santos & Silva (2010, p. 53), “foram doze donatários que receberam quatorze capitânicas, mas distribuídas em quinze lotes, doadas a doze donatários”. Estas são as capitânicas segundo Miranda Freire (1974, p.14), “São

⁵ Embarcação armada de propriedade privada, que podia perseguir ou apresar navios de comércio de outros países. Antes do desenvolvimento dos navios de guerra, muitas nações recorriam a esse tipo de navios para auxiliá-las em casos de necessidade. Empregados pela primeira vez no séc. XV, os navios recebiam carta de corso e tanto eles como suas tripulações eram conhecidos como corsários. Tinham autorização para atacar, roubar ou afundar os navios mercantes dos países inimigos.

⁶ Era o nome das terras brasileiras, por ocasião das Capitânicas Hereditárias, onde alguns homens receberam os imensos lotes da nova colônia portuguesa.

Vicente, Itamaracá, Ilhéus, Bahia, Paraíba do Sul, Porto Seguro, Espírito Santo, Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão com dois quinhões, Santo Amaro e Sant'Ana". Portanto, totalizando as quatorze capitanias.

1.2. Itamaracá

Inicialmente o lote de terra referente a esta capitania fora doado a Pero Lopez de Sousa. Descrevendo um pouco a mesma: contava com trinta léguas de frente a partir do rio Santa Cruz, este rio hoje é denominado de Igarassu e ia até a Baía da Traição. Mas, afinal, o que esta capitania tem a ver com a formação inicial do território paraibano? E o topônimo Cuitegi, o que tem a ver com tudo isso? Bom, como foi dito anteriormente, é necessário transcrevermos toda essa narrativa, pois a fundação da Paraíba e, posteriormente, a toponímia desta cidade citada, vem primeiro com a criação do território onde ela está inserida.

Itamaracá é rica em pau-brasil, madeira esta, muito procurada pelos comerciantes europeus, pois dela se extrai uma tinta que serve para muitas utilidades.

Pero Lopes não deu início à colonização da mesma, passando pouco tempo nela, mas o mesmo deixou a administração da capitania nas mãos de Francisco Braga. Este não pôde fazer muito pela capitania, pois não dispunha de recursos financeiros. Devido a muitos desentendimentos com a capitania vizinha de Pernambuco, Francisco Braga abandona-a. A situação só piorou ainda mais e, dessa forma, veio em seu socorro João Gonçalves, o qual fez benfeitorias. "João Gonçalves conseguiu fundar a Vila de Conceição e começou a construção de alguns engenhos, às margens do Tracunhaém, rio este que daria o nome a um dos grandes episódios que contribuiu para a tomada de decisão em colonizar a região da Paraíba". (SANTOS & SILVA, 2010, p. 65). É louvável que a capitania deu um impulso, mas com a morte de João Gonçalves as coisas desandaram. Neste ínterim, muitos fatos se passarão e um deles só veio a piorar a situação. Este acontecimento ficou conhecido como a "tragédia de Tracunhaém".

Conta-se que tudo aconteceu após o rapto de uma filha de um chefe potiguar:

Reza a história que um mameluco passou por Tracunhaém, a caminho dos sertões paraibanos, onde conquistou a filha de Inigaçu. Adolescente de 15 anos. Inigaçu era o chefe dos potiguaras, que recebeu em sua cabana, como é de costume entre os indígenas receber o visitante. Onde, acabou casando-se com a jovem filha e aproveitando da saída do seu sogro, raptou-a. Quando Inigaçu voltou e não encontrou a filha, enviou dois filhos a Pernambuco para resgatá-la, nesse período o governador do Brasil, Antônio Salema, estava visitando Pernambuco e ouvindo os emissários de Inigaçu, entrevistou em favor desse, junto ao pai do mameluco, fazendo voltar à moça em companhia dos seus irmãos.

No entanto, quando passavam por Tracunhaém, Diogo Dias interessou-se pela índia chegando ao ponto de escondê-la dos seus irmãos para ficar com ela. Procurando sua irmã, sem encontrá-la, acabaram voltando para sua aldeia e contando o ocorrido ao seu pai. Esse episódio trouxe grandes problemas à colonização, pois os índios incentivados pelos franceses, entraram em guerra contra os habitantes do engenho de Diogo Dias, em Tracunhaém. (SANTOS & SILVA, 2010, p. 65).

Neste episódio morreram ao menos 600 pessoas, incluindo até crianças. Após esse acontecimento trágico que culminou na morte de Diogo Dias e quase toda sua família. A coroa portuguesa diante dos fatos decidiu criar a Capitania Real da Paraíba.

1.3. Capitania Real da Paraíba

Miranda Freire (1974) também descreve esse episódio,

Aconteceu um ataque a um engenho nas margens do Tracunhaém, hoje rio Goiana, pelos índios potiguaras do Cacique Uniguassu. Foi em represália ao rapto da bela índia, filha deste cacique. No ataque, o senhor de Tracunhaém, Diogo com toda a família foi trucidado. Alarmou-se a Corte portuguesa. O rei D. Sebastião, para colonizar a região e por fim a fúria selvagem, fez com que Portugal ao mesmo tempo tomasse posse efetiva da terra; criou, então, a Capitania Real da Paraíba. Foi a terceira Capitania Real do Brasil, sendo a primeira, a da Bahia e a segunda, a do Rio de Janeiro. Surgiu por decreto Real, presumivelmente editado em janeiro de 1574. (MIRANDA FREIRE, 1974, p. 16).

Após ser desmembrada, a Capitania de Itamaracá ainda sobreviveu um bom tempo, mas depois foi anexada a de Pernambuco:

A antiga Capitania de Itamaracá sobreviveu por longos anos, embora reduzida a uma nesga de terra, com sete léguas de largura, nos apertados limites entre o rio Iguarassu e o Popoca. Acabou absorvida por Pernambuco em 1763. A Paraíba, constituída em Capitania autônoma, separava-se de Itamaracá pelo rio Popoca e se estendia para o norte até os antigos limites da Baía da Traição. (ALMEIDA, apud MIRANDA FREIRE, 1974, p. 16).

Dessa forma, é fundada, em 1574, a Capitania Real da Paraíba. Mas é preciso reforçarmos que passaram-se onze anos para, enfim, a Capitania fosse colonizada, pois entre 1574 a 1585, ocorreram diversos conflitos entre portugueses e os nativos, ou seja, um período de muita resistência por parte destes.

Vejamos, de uma forma temporal, as tentativas de conquista por parte dos lusos.

A primeira se deu em 1574; a segunda consta de 1575; a terceira ocorreu em 1579; a quarta em 1582 e, por fim, no ano de 1584, partiram da Bahia Diogo Flores Valdez com uma grande expedição. Frutuoso Barbosa veio para não perder seus direitos, pois fora garantido a ele a posse de Capitão-mor da mesma. Martim Leitão, entre outros, totalizando em média cerca de mil homens. Nesta ocasião, foram aprisionados navios franceses, muitos índios rebelados foram mortos, assim, nos diz Miranda Freire (1974, p. 19), “Os índios foram rechaçados, depois de um terrível combate”.

Todavia, a conquista não fora assegurada ainda, pois os nativos resistiam bravamente. Martim Leitão ficou sabendo de muitos desentendimentos entre os potiguaras e tabajaras. Estes tinham como chefe da sua tribo o índio Piragibe⁷. Logo, Martim Leitão designou o capitão João Tavares para propor um acordo de paz com o valente índio.

Porém, em julho de 1585, o chefe Piragibe enviou dois índios para falar com o ouvidor Martim Leitão, pedindo ajuda para combater os potiguaras, que se encontravam em guerra com os tabajaras. Martim Leitão, de imediato, entrou em contato com João Tavares, escrivão da câmara e juiz de órfãos de Olinda que zarpou no dia 2 de agosto em uma caravela bem equipada, com cerca de vinte homens. Quando João Tavares chegou a Paraíba, selou o acordo de paz com Piragibe e subindo o rio, disparou alguns tiros afugentando assim os potiguaras. No dia 5 de agosto de 1585, escolheu o local para construir o forte e iniciar a construção do povoado, mas de acordo com Horácio de Almeida (1978) a cidade só foi fundada no dia 4 de novembro de 1585. A cidade recebeu o nome de Nossa Senhora das Neves, por ser o dia 5 de agosto, dedicado a Santa no calendário litúrgico, comprovando a influência católica no processo de colonização do Brasil. (SANTOS & SILVA, 2010, pp. 77-78).

É certo que com passar do tempo a cidade recebeu outros nomes, como por exemplo, Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Frederica, enfim, como o processo político influencia nos topônimos dos lugares. A partir daí, surge inicialmente, o território da Paraíba.

⁷ Pirajibe foi um chefe indígena tabajara que viveu no século XVI e XVII em Pernambuco e na Paraíba, Brasil. Por seus atos de bravura na conquista da Paraíba, Pirajibe foi condecorado com a Ordem de Cristo pelo rei Felipe II de Espanha e Portugal.

A palavra pirá-jyba significa literalmente "braço de peixe" (barbatana), em tupi. Outra interpretação para o significado do nome, porém, diz que ele significa "na água de peixe", através da junção dos termos pirá ("peixe"), îy ("água") e pe ("em").

Fonte: Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pirajibe>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

1.4. Índios potiguaras em Cuitegi?

Sabemos que na literatura da história do Brasil (descobrimento deste país), o grande feito ficou com o português Pedro Álvares Cabral. E os nativos já não se encontravam por aqui? E na história da Paraíba? E aqui em Cuitegi? O grande feito de “descobrir” fica, às vezes, no esquecimento!

Dessa forma, é importante sabermos que quando a esquadra de Cabral atracou com seus homens na costa brasileira, os primitivos já se encontravam por aqui, portanto, em solo paraibano, antes do deslocamento para os sertões (interior) por parte dos colonos, já habitavam tanto o litoral quanto o interior, os nativos. Dessa forma, a região que hoje é Cuitegi encontrava-se habitada pela seguinte tribo:

Os potiguaras em maior número que os tabajaras, não eram os mais antigos na Paraíba. Ocupavam apenas uma pequena região, nos limites do Rio Grande do Norte com a Paraíba. Ficavam nos lados da Serra da Borborema onde está situada a Serra da Raiz, Caiçara e Pirpirituba. Neste local fizeram sua ocará.

Viviam não longe do litoral e próximo ao mar, andando sempre formando aldeias. Localizavam-se na Baía da Traição e na foz do Mamanguape.

Eram errantes, não se fixavam em lugar algum, deixando aldeias, formando outras na Caatinga litorânea – que se estendia da Serra da Raiz à Pedra de Fogo. Entravam também no interior da Paraíba, como Alagoa Grande, Mulungu, etc., que eram áreas desabitadas na época da fundação da Paraíba. (MIRANDA FREIRE, 1974, pp. 43-44).

É importante destacarmos estes antecedentes, pois veremos no segundo capítulo a toponímia do município de Cuitegi-Pb, de uma forma detalhada, assim, entenderemos que sua origem se dá de uma atribuição indígena e biotoponímia⁸, portanto, sua tradução está ligado ao dialeto⁹ tupi.

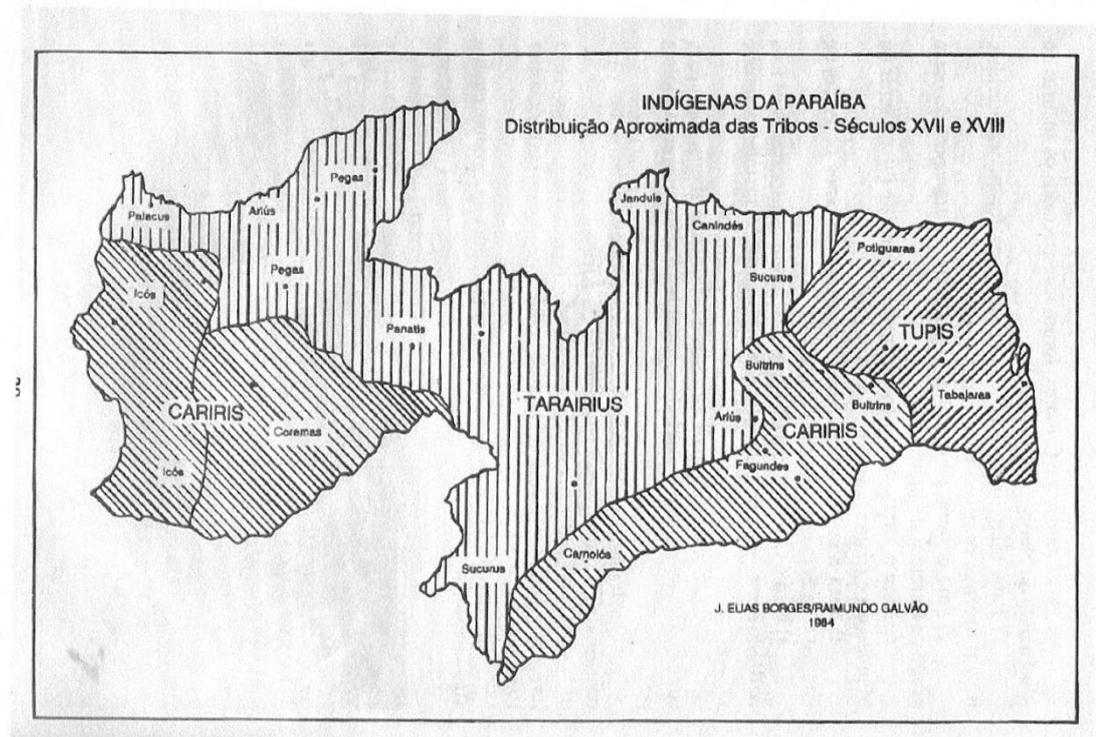
É verdade que pouco se tem estudado acerca dos nativos que por aqui estiveram, pois desde os primórdios da colonização, estes se opuseram à penetração lusa e a conquista de suas terras. Borges (1993, p. 35) reforça o pensamento de Miranda Freire frente a esses grupos humanos em relação à posição geográfica das tribos indígenas tupis: “a) Tabajaras, oriundos do São Francisco. Habitavam a região ao sul do Rio Paraíba. b) Potiguaras, litoral do Rio Grande do

⁸ Referente a animais ou vegetais dominantes em uma região.

⁹ Variedade regional (ou social, ou etária) de uma língua.

Norte e acima do Rio Paraíba, principalmente ao longo do Rio Mamanguape e Serra da Cupaoba”.

Veja abaixo o mapa referente aos séculos XVII e XVIII. Nele observamos a “descrição aproximada dos nativos em solo paraibano”.



BORGES, José Elias. Índios paraibanos: classificação preliminar. In: MELO, José Octavio de Arruda & RODRIGUEZ, Gonzaga. (org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo**. João Pessoa: Edições GRAFSET, 1993, 21-38

Figura 1 – Mapa mostrando a incidência indígena na Paraíba entre os séculos XVII e XVIII. **Fonte:** Borges in Melo (1993).

Após observarmos o mapa, percebemos que na região do atual município em estudo topônimo, era reduto de índios de tribo tupi, pois mesmo sabendo que “outras tribos habitaram esta área”, há indícios fortíssimos do predomínio dos potiguaras, portanto, confirmando por meio deste que o topônimo de Cuitegi é, de fato, de origem tupi, mas esse tema abordaremos no próximo capítulo.

Dessa forma, o estudo do topônimo do município de Cuitegi está enraizado nas suas origens, desde a fundação inicial do território que hoje é o estado da Paraíba. Portanto, é de se imaginar que para que pudéssemos compreender melhor a origem do nome deste município, fora necessário analisar todo o processo de formação e colonização do nosso estado, pois estudar o topônimo de uma

localidade não é muito simples, uma vez que com o passar do tempo, estes vão se alterando por diversos fatores. Nesse sentido:

Nota-se que, em sociedades modernas (inicialmente estruturadas por meio de antigas vilas com algum princípio de organização urbana ou política), caso típico ocorrido no Brasil, o alargamento de interesses coletivos em prol de questões existenciais determina, conseqüentemente, a toponímia. (DICK, 1990, p. 52).

Assim, compreendemos que muitos fatores podem alterar os topônimos de uma certa localidade.

1.5. Presença holandesa na Paraíba e sua importância no desbravamento para o interior e formação de núcleos habitacionais

As invasões holandesas aqui na Paraíba foi um momento muito importante da história, uma vez que o processo de interiorização avançou com estes na administração. Uma das justificativas para a Holanda atacar a Paraíba (não só esta, mas o nordeste brasileiro) foi quando Portugal caiu sob o domínio espanhol estes quiseram proibir um intercâmbio entre Portugal e a Holanda:

Portugal e Holanda, anteriormente, mantiveram grandes relações. Os navios holandeses traziam trigo, manufaturas, etc. para os portos portugueses e levavam sal, vinhos, especiarias do Oriente, madeiras do Brasil. Quando Portugal passou para o domínio espanhol, a Espanha quis terminar este intercâmbio. (MIRANDA FREIRE, 1974, p. 48).

Dessa forma, após o fim do armistício entre a Espanha e a Holanda é criada pelos holandeses a Companhia das Índias Ocidentais. Assim, iniciam-se os ataques à costa nordestina. Tentaram invadir a Bahia, mas foram expulsos. Em 1632, tentaram invadir a Paraíba, mas foram repelidos. Após dois anos, apontaram com seus navios novamente.

Sabe-se que o domínio dessas terras era de suma importância para que os planos batavos se concretizassem. Dessa forma, depois de tanta insistência, ou seja, após duas tentativas sem sucesso a esquadra holandesa, enfim, dominam as terras tão almejadas. “A 24 de dezembro de 1634 entrou na cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves o exército holandês, encontrando deserta a cidade”. (MIRANDA FREIRE, 1974, p. 54).

Portanto, foram estas conquistas por parte dos batavos, que possibilitaram como já foi dito, o desbravamento dos sertões, ou seja, o interior do estado. Assim,

estamos adentrando para a formação de novos núcleos de pessoas, os povoados, assim inicialmente denominados. Em regiões que antes eram somente habitadas pelos nativos, agora, com a presença de outros povos. No próximo capítulo, veremos como se deu todo o processo de formação do município de Cuitegi e, posteriormente, o surgimento de sua toponímia.

O atual território onde hoje é o município de Cuitegi-PB, está ligado diretamente ao município de Guarabira, esta, cidade vizinha.

Olhando um pouco para a presença holandesa em solo paraibano percebemos que quando o governador holandês Elias Herckmann estava a frente do governo, o mesmo já se diria a região:

No fim do século XVI, durante o domínio holandês, Elias Herckmann, em pleno verão, partiu do Recife a 3 de setembro de 1641, passando o Gramame, chegando a Frederica onde reuniu a comitiva, ouvindo os veteranos das entradas para o sertão, especialmente o Alcáide Manuel Rodrigues, que se dizia ter estado, em 1625, nas minas de Copaoba, a sessenta ou setenta milhas de distância.

Desse Jurapari-bacaí, Eeckmann vai calçando as alturas da Borborema, de serra em serra, com sua escolta de índios bronzeados e de alemães maciços e rubros como os modelos de Franz Hals.

Passa o aldeamento do Guiraobira, pouso em que a estiagem afugentara os moradores do Guiraubi (Pássaro Verde); adiante o Guirarembuca, em condições idênticas, deixando à esquerda montões de pedras soltas (eteenem) e vendo o rio Tambariry, logo após a serraria de Itacoarori, indo em reta transpor três rios sem nome, olhando uma montanha de cujos cimos de forma triangular, merecem nome de Piramideberg, a montanha da pirâmide.

Margeando o Arassagi (Araçagi) e seus tributários anônimos, Herckmann, numa atmosfera de fogo, visita malocas de tapuias, restos silenciosos das moradas dos cariris taciturnos, passa uma lagoa, repassa o Araçagi para a direita, pelos afluentes, rio Waterputten", onde é possível beber água nas cacimbas cavadas, e o Caragutá que risca o limite extremo da expedição e do mapa, ao pé de um monte de rochas lisas, batizado com mera indicação descritiva: - Steenen Kerberg, o monte de Pedras do Retorno. (MELO, 1999, pp. 45-46).

Como vimos na citação acima, os holandeses foram peças fundamentais na formação do território da cidade de Guarabira-PB e, posteriormente, da cidade de Cuitegi, estes desbravaram as serras denominadas de Cupaoba, região até então desconhecida dos colonos... Era o interior do nosso território.

A sesmaria que deu origem ao povoado de Guarabira, encontra-se dentro desta a porção de terra que deu origem ao povoado de Cuité como o era chamado.

Fica evidente, pois que, este povoado passou a ser distrito de Guarabira por longos tempos, portanto é de se pensar que Cuitegi como distrito de tal cidade também era formação territorial da mesma sesmaria, assim:

A faixa territorial que compreende o atual município de Guarabira foi uma decorrência da ocupação da região denominada “Serra da Cupaoba”. Sendo ponto divergente dos mais importantes núcleos de colonização da Paraíba, tornou-se zona de intermédio entre as linhas de penetração de ambições de fazendeiros, latifundiários e minifundiários, que almejavam conquistar o seu poder no território, através de terras devolutas na caatinga litorânea do Estado. (MELO, 1999, p. 55).

Perceba que o autor nos apresenta a região da Serra da Cupaoba como um ponto central de mediação entre as formações de núcleos habitacionais, desta forma, o povoado de Guarabira e Cuitegi estão dentro destas porções de terras.

Com relação às sesmarias, Melo nos dá informações acerca das porções de terras que deram origem ao território de Guarabira:

Padre Francisco Ferreira diz que possui na Serra da Cuapoba, ribeira do Arassagy, da parte do norte, duas sortes de terras, uma que houve por Sesmaria e outra por compra ao Padre Miguel Dias; e porque, na testada de uma outra há sobras, pedia mais DUAS LÉGUAS EM QUADRO nas cabeceiras do rio GOIJAEMENDUBA, cortando para o rio Curimataú. Foi feita a concessão por Amaro Cerqueira, em 21 de setembro de 1690. (MELO, 1999, p. 49).

No que tange as terras que se encontram os municípios de Guarabira e Cuitegi, atualmente, percebemos que fora do padre Francisco Ferreira, assim o autor nos confirma acima.

Neste capítulo investigamos a formação inicial de como se deu os primórdios da colonização que estão ligados diretamente ao processo de formação do município de Cuitegi e sua “toponímia” é claro, pois esta é nosso objeto de estudo central. Assim, foi necessário ver sua formação desde quando tudo iniciou em nosso território, como por exemplo, a chegada dos portugueses, o desbravamento dos holandeses para o interior do estado, uma vez que os lusos habitaram mais a região do litoral. Ficando assim, todo o mérito para os holandeses que aqui estiveram, pois a partir daí é que outros desbravadores fizeram investidas para a região dos sertões da Paraíba.

CAPÍTULO II

O NOME CUITEGI

2.1. A Toponímia e suas características

Vejam algumas características que trazem esta ciência tão importante no que tange a busca pelo conhecimento da “origem do nome” das localidades, como já foi dito no início deste trabalho.

Diante do estudo do topônimo do município de Cuitegi e, assim como demais localidades, temos que ter em mente que estes evidenciam vários comportamentos, os quais ficaram esquecidos ao longo do tempo. Estes resgatam as memórias de um povo e de uma cultura.

Acerca dos topônimos a serem analisados, outra ciência que caminha lado a lado com a mesma é a Onomástica¹⁰, como é descrito abaixo:

A toponímia é um dos ramos da *Onomástica* – ciência que tem por objeto o estudo de nomes próprios, tanto de pessoas como de lugares. A *Antroponímia* e a *Toponímia* se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos. Ao estudo de nomes próprios de pessoas – nomes próprios individuais, nomes parentais ou sobrenomes e às alcunhas ou apelidos dá-se o nome de *Antroponímia*; já a *Toponímia* se integra à *Onomástica* como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. (SANTOS & SEABRA, 2011, p. 11).

Percebamos que outro elemento aparece como ciência que reflete as motivações toponímicas das localidades, o qual é a Antroponímia¹¹, esta que afere os nomes próprios de pessoas e suas origens, portanto, caminha junto com a Toponímia.

Os nomes dos lugares como vimos nos oferece muitas informações acerca de muitas coisas que se evidenciaram no passado de uma sociedade local e regional. Assim, Santos e Seabra nos confirma:

Por serem iconicamente simbólicos, os nomes de lugares nos fornecem valiosas informações: i) aponta a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão, de sítios desaparecidos; ii) oferece descrições

¹⁰ É a ciência que trata da etimologia, transformação e classificação dos nomes próprios de todos os gêneros, das suas origens e dos processos de denominação no âmbito de uma ou mais línguas ou dialetos. Nascida na metade do século XIX, a onomástica é considerada uma parte da linguística, com fortes ligações com a história e a geografia.

¹¹ É a divisão da onomástica que estuda os antropônimos, ou seja, os nomes próprios de pessoas.

precisas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza; iii) indica a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados; iv) aponta um amplo *corpus* de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida; v) indica um vasto repertório popular que designa espécies vegetais; vi) fornece conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados.

Examinando as motivações toponímicas sob o ângulo do ambiente, tem-se, nas pesquisas atuais, agrupado os topônimos em duas grandes divisões, a saber: nomes de lugares motivados por natureza física e nomes de lugares motivados por natureza antropocultural, ou seja, examinam-se as motivações toponímicas sob o ângulo do ambiente, físico e social. (SANTOS & SEABRA, 2011, pp. 11-12).

Veja quão grande as possibilidades de que um estudo topônimo nos oferece acerca de uma localidade, pois não é somente analisarmos as perspectivas da origem de tal localidade, mas sim expor ao leitor as várias abordagens que se é feita em torno de um estudo voltado as origens de um nome de uma certa localidade, assim, neste estudo o qual apresenta-se o município de Cuitegi, propomos estudar o topônimo motivados por natureza física e antropocultural, ou seja, fatores tais como o físico e social.

Compreendemos ainda por fatores físicos e sociais, os que Sapir in Santos e Seabra nos mostra:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR apud SANTOS & SEABRA, 2011, p. 12).

Veja que outros fatores são enumerados e caracterizados acerca dos estudos topônimos voltados aos físicos e sociais.

Dessa forma, Santos e Seabra (2011, p. 12), diz que: “Em outras palavras, o topônimo tem um caráter preciso e essencialmente utilitário, merecendo por isso ser estudado”.

A cultura imaterial juntamente com a toponímia se configura como outro fator determinante, pois a cultura no processo de formação dos nomes das localidades nos apresenta uma reflexão que vai além de uma simples denominação, como nos afirma Seemann:

A análise dos topônimos costuma se restringir aos aspectos linguísticos e históricos da sua origem, sem levar em conta que a denominação dos lugares é, de fato, um processo político-cultural que merece uma análise mais detalhada do que o registro dos nomes atribuídos às localidades. SEEMANN, 2005, p. 209).

Pegando como referência a citação a cima, podemos compreender que tal estudo está voltado a descaracterizar o processo histórico e linguístico como único a dar nomes aos lugares. O que aparece é um elemento primordial que é o fator político-cultural que também marca a origem das localidades no mundo inteiro e no município de Cuitegi não é diferente, pois a presença da cultura local foi e é fundamental, uma vez que, os costumes, as etnias, a vegetação, entre outros fatores, inclui-se nesse rol e posteriormente o surgimento do nome de tal município. A busca pela história e cultura local nos fez buscar uma característica coletiva, assim, Pelegrini (2009, p. 37), diz que “os bens culturais se traduzem nas tradições materiais e imateriais de toda a coletividade”. Dessa forma, para a construção do topônimo tomamos como base a cultura imaterial¹², uma vez que a mesma é caracterizada pela oralidade, isto é, a busca por entrevistas individual e coletiva das gerações mais antigas, pois toda cultura é uma construção histórica e social.

Portanto, a maioria dos topônimos indígenas constituem-se enigmas que as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis. Mas, embora não saibamos de fato o que exprimem, o que recordam ou o que revelam, estas vozes indígenas que se erguem devem ser compreendidas como um patrimônio imaterial que precisa ser resgatado. Nessa perspectiva, moradores mais antigos nos dão detalhes preciosos, por meio da oralidade, na construção do topônimo deste município em estudo. Estes detalhes nos ajudaram nessa pesquisa.

2.2. A importância da “história oral” no fazer historiográfico

Antes de destacarmos essa possibilidade tão importante no fazer historiográfico, temos que olharmos que os campos referentes à história não surgiram com esses detalhes. A história positivista, através do historiador alemão Leopold Von Ranke pregava apenas como fontes os documentos oficiais. Para ele, o

¹² Patrimônio cultural intangível ou imaterial é entendido como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

historiador não é juiz do passado e não deve instruir os contemporâneos, mas apenas dar conta do que se passou, ou seja, o historiador tinha que manter-se neutro ao seu objeto não o questionando. Em outras palavras, a escola positivista destacava a importância do documento no fazer história.

Para, de fato, darmos ênfase aquilo que é denominado “história oral”, olhemos para uma revista francesa chamada *Annales d'Histoire Economique et Sociale* que surgiu na França, em 1929, tendo por fundadores Lucien Febvre e Marc Bloch, com estes também surgiu uma nova corrente historiográfica denominada Escola dos Annales. Esses novos pensadores fizeram uma verdadeira revolução na historiografia do século XX. A partir daí, abriu-se diversos saberes referentes às possibilidades do fazer história, ou seja, novas abordagens. A história oral seria mais adiante uma dessas vertentes. Desta forma, percebemos que a historiografia superou o positivismo ingênuo do século XIX.

Pois bem, depois de expormos a evolução historiográfica com o passar do tempo, observemos, enfim, a história oral. No que tange essa abordagem Barros (2013), fala acerca desta como uma subdivisão historiográfica que refere-se a um tipo de fonte com a qual o historiador trabalha, neste caso, os testemunhos orais. Destacamos a oralidade como uma ferramenta de suma importância, pois:

A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de informação, mas também pelo que faz para o historiador, que entra em campo como um fiscal invisível. Pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita e revelar ao historiador – na frase fina de Tawney – o “tecido ressecado” que, quase sempre, é tudo o que tem em mãos. Serve como medida de autenticidade, um lembrete compulsório de que as categorias do historiador devem, afinal, corresponder ao feito da experiência humana a serem constituídas por ela, caso elas tenham força explicativa. Dizer isso não é valorizar um tipo de evidência mais que outro, mas propor uma interação contínua entre os dois e um uso mais extenso deles. (SAMUEL, 1990, p. 237).

Vejamos que o autor resgata a ideia de que às vezes o historiador só dispõe daquela única fonte para desvendar o seu processo investigatório acerca do passado, daí então notamos que essa revolução no fazer historiográfico proporcionou mais uma possibilidade muito interessante no campo da história. Ele também destaca que uma fonte não tem valor mais que outra, e sim que ambas podem interagir entre si para uma melhor metodologia e autenticidade do trabalho. Nessa perspectiva, o mesmo fala que a metodologia oral vem em busca de

solucionar ou tentar solucionar aquilo que está deficiente na documentação escrita.

Sabemos que a essa abordagem, a qual não falta elogios para com a mesma é fruto especialmente daqueles ou daquelas que preservam em suas “memórias” aquilo que por algum motivo não fora escrito, assim, percebemos que quando a pessoa, a qual está narrando um fato, ela conta o que extrai da experiência sua própria de vida ou aquela contada por outros indivíduos mais antigos. Mas, como expomos todos estes fatos positivos em torno desta abordagem, também temos que observar que segundo Santos (ano desconhecido, p. 03) “os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico das outras fontes que os historiadores costumam consultar”. De fato, a essas fontes temos que está mais atento ainda, pois o fazer oral, enquanto campo historiográfico, não admite em hipótese alguma a subjetividade, pois os depoimentos precisam ser transcritos devidamente ao pé da letra, ou seja, mesmo sabendo que estas devem ser criticadas como qualquer outra fonte, não admite-se que o historiador de posse de seu objeto faça juízo de valores em relação a tal narrativa feita por indivíduos que participaram de tal processo.

Assim, compreendemos que a oralidade colhida por meio das entrevistas e buscando a memória e lembranças dos mais velhos nos proporciona, como foi exposto, uma rica fonte historiográfica capaz de revelar aquilo que está por oculto, isto é, o recurso a memória dos mais velhos é extremamente útil nessa abordagem citada anteriormente.

2.3. Historiografia: construção histórica – “Cuité”

De fato, antes de falarmos da construção do seu topônimo e sua historiografia, temos que ter em mente que o passado chega até nós fragmentado, como nos diz Rocha (2010, p. 10), “o passado com totalidade é sempre inapreensível, temos consciência de que o passado nunca poderá ser totalmente conhecido, mas devemos buscar chegar o mais próximo possível de seu conhecimento”. Logo, a origem desta localidade chega até nós por meio de entrevistas que se configuraram em um documento.

Entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de

registro torna-se *fonte oral*. A história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista. (MEIHY & HOLANDA, 2007, P. 14).

Portanto, mesmo tendo em mente que uma memória de uma pessoa possa nos dar vestígios daquilo que ocorreu, é importante estarmos atentos de que o passado nunca chega por completo e tal manifestação é revelada, mesmo que fragmentada, por meio de entrevistas.

Dessa forma, toda localidade tem um registro de nascimento. Assim, Oliveira & Oliveira (2009, p. 28), nos confirma que, “todo lugar tem uma história. Seja grande ou pequeno, perto ou longe, não importa onde esteja localizado, todo lugar tem um registro de nascimento”.

Os mais antigos contam que sua história inicia-se com a colonização portuguesa que pertinho de Mamanguape, estenderam uma linha de comércio para o interior. Cuitegi ficava em seu itinerário. Dessa forma, surgiram as primeiras casas e a povoação desta localidade floresceu. Sendo sua história mais antiga do que a de Guarabira. Cuitegi possuía um comércio de bom nível, durante os anos 1870 e 1880. Em 1880, um surto de varíola assolou o município de Guarabira tendo os seus habitantes seguido, em grande parte para a vila de Cuité. Com isso, registrou-se desenvolvimento do comércio local, e surgindo novas edificações. Passado o surto de varíola os comerciantes que já estavam radicados em Cuité, não desejaram retornar pra Guarabira tendo sido necessário o uso da força para conseguir transferir a feira e os comerciantes para a sede do município. esta sede se refere a cidade de Guarabira, pois como vimos no primeiro capítulo, este município figurava dentro do território de Guarabira.

Dentro de suas divisões administrativas segue os dados:

Formação Administrativa: Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Guarabira, o distrito de Cuité. Pelo decreto-lei estadual nº 1164, de 15-11-1938, o distrito de Cuité passou a denominar-se Cuitegi. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Cuité, figura no município de Guarabira. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960. Elevado à categoria de município com a denominação de Cuitegi, pela lei estadual nº 2685 de 26-12-1961, desmembrado de Guarabira. Sede no antigo distrito de Cuitegi. Constituído do distrito sede. Instalado em 29-12-1961. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. Alteração toponímica distrital Cuité para Cuitegi alterado, pelo decreto-lei estadual nº 1164, de 15-11-1938. Fonte: IBGE, 2010.

Com relação à formação da história e da sua toponímia Coriolano de Medeiros nos dar informações acerca do mesmo:

CUITEJI (vocábulo indígena; cuité-j-i: água ou rio da cuia) - Tinha o nome Cuité, mas o Decreto Lei n 1164, de 15 de novembro de 1938, mudou-lhe o nome e elevou-a a vila. Assenta à margem esquerda do Araçagi distante 8 quilômetros da sede de Guarabira, a cujo município pertence. Segundo o engenheiro Destord, está a vila a 7-38'-30" long. E. do Rio de Janeiro e 6-54'-00" lat. S. É próspera, tem Agencia Postal, iluminação elétrica, comércio animado, realizando movimentada feira semanal. No distrito existem maquinismos para beneficiar algodão, 21 aviamentos para farinha de mandioca e polvilho, 4 engenhos a vapor para o fabrico de rapadura e aguardente, uma instalação para beneficiar peles e couros. Sua capela, consagrada a N. S. do Ó, é filial da freguesia de N. S. da Luz, de Guarabira. Funcionam na vila duas aulas públicas primárias. Tiveram estas, em 1942, 133 matriculados e a frequência média de 77. O Recenseamento de 1940, computou-lhe 142 prédios urbanos, 22 suburbanos, 636 rurais e a população: urbana, 432 habitantes; suburbana, 95; rural, 2.468. (MEDEIROS, 1950 p. 87).

Veja que o autor nos referencia acerca dos significados indígenas presentes no nome desta localidade, mesmo tendo em mente que o vocábulo ji é uma interpretação feita com muitos questionamentos, pois o próprio autor dá informações bem rápidas acerca do significado. Este termo denominado de gi será ainda mais questionado adiante. Assim, com base nessas informações o próprio IBGE também faz referência em relação ao seu topônimo e seu histórico:

Seu nome é derivado de Cuité (árvore da região) e GI (TRIBO INDÍGENA). Conta-se que os tropeiros que iam pra Mamanguape paravam debaixo destas árvores para descanso da tropa e depois seguiam viagem. Os primeiros colonizadores, que se fixaram na região deram-lhe o nome de Cuité. Fonte: IBGE, 2010.

Assim, entendemos que reza a lenda desses indígenas denominados de “Gis” e ainda outra interpretação invocando outras palavras.

Portanto, temos que entender que a toponímia do município de Cuitegi vem primeiramente derivado de fatores chamados de biotoponímia/flora que estão voltados as questões da “vegetação” dominante na região ou localidade; outro fator determinante é a arqueotoponímia que consiste em “povoados indígenas antigos”. Seemann (2005, p. 210), nos diz “como os nomes próprios de pessoas o batismo dos lugares depende muito dos critérios do observador que decide o que tem de destaque ou não na paisagem e o que merece menção”. Dessa forma, a vila de “Coité” como era conhecida na segunda metade do século XIX, surgiu com essa denominação devido aos muitos pés de coiteseiras, árvore que tem seu nome

originário do tupi e significa vasilha ou panela, (as cuias que são feitas através de seu fruto que tem esse formato). Também é chamada de cuieira ou árvore de cabaça, esta, que existia na época de sua fundação como vila. Para confirmar tal fato, a Sra. Luzia nos dar fragmentos daquilo que outras pessoas mais antigas, já repassaram pra ela:

A origem de Cuitegi é que, quando eu nasci, já tinha esse nome de Cuitegi. Os mais velhos falavam, quer dizer, que eu já tenho sessenta anos. Falavam que na época tinha uma feira aqui em Cuitegi, nessa vila. Uma feira onde próximo à beira do rio que é a Rua Sete de Setembro tinha um “pé de coité” no que ia pra o rio. Onde as pessoas amarravam animais, cavalos, né? Animais, né? Pra ir pra feira. Essa coité era bem grande! Tinha vários pés de coité, só que essa era a maior que tinha, quer dizer, era o ponto de referência onde os povos colocavam os animais¹³.

Portanto, o relato da Sra. Luzia nos dar uma visão de espaço, pois daí percebemos que haviam muitos pés da referida árvore e, dessa forma, prevaleceu a vegetação dominante na região a qual batizou, a princípio, esta localidade. Na sua fala, compreendemos também uma visão de tempo, pois ela deixa bem claro quando diz que “os mais velhos falavam”, ou seja, mesmo sendo já de idade, ela resgata a memória coletiva dos indivíduos como uma construção social e cultural. E em uma visão mais ampla de espaço, percebemos a vegetação tão determinante nesse processo de construção do seu topônimo. Assim, se deu inicialmente a sua nomenclatura. Veja abaixo a imagem do famoso fruto da árvore que dera inicialmente o nome deste município:



Figura 2 – Foto do fruto da coiteseira; cabaça ou cuia. Disponível em: <<http://plantas-medicinais.me/category/cuieira>> Acesso em: 29 jun. 2014.

¹³ Entrevista concedida pela professora aposentada, a Sr.^a Luzia Cosmo do Nascimento, em 07/01/2014, Cuitegi, Paraíba.

Esta árvore a qual seu fruto foi exposto acima é originária da América Central, depois a mesma foi introduzida na América do Sul. Seu nome científico é *Crescentia cujete*. Esta árvore (coiteseira) também conhecida como calabauça, coité, cuieira ou árvore da cuia. O seu fruto, depois de lavado e seco, é utilizado como caixa e como recipiente para líquidos. Assim, entendemos que este fruto fora muito utilizado pelos indígenas na época na qual os mesmos frequentaram a região desta cidade em estudo. Desta forma:

Imaginar como as sociedades tradicionais viviam sem latas, embalagens de vidro, plástico, isopor e papel, só é possível sabendo que tinham um modo de vida não acumulativo, ou seja, coletavam e colhiam o que consumiam em um breve período de tempo. É um exercício que possibilita entender o grau de utilidade de certas plantas¹⁴.

Portanto, confirmando a praticidade dos elementos referentes a essa árvore denominada de coité.

Sua estrutura é a seguinte: seu porte é médio de até 16 metros de altura (mas varia muito essa altura). Tronco e galhos tortuosos, pendentes, com casca de coloração acinzentada e cobertos por folhas em toda a sua extensão. As folhas são simples, inteiras, alongadas, de diversos tamanhos, cor verde-escura e brilhante. Veja a abaixo a foto desta árvore:



Figura 3 – Foto da árvore coité e suas calabauças. Disponível em: <<http://maria-xiquinha.blogspot.com.br/p/cabacas.html>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

¹⁴ Fonte: Arboreto. Disponível em: <<http://arboretto.blogspot.com.br/2008/02/coit.html>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

Dessa forma não restam dúvidas que o topônimo desta localidade vem do tupi, pois o termo "cuité" é tupi, sem dúvida nenhuma, isso significa que não adianta procurar em outro idioma nativo a origem do topônimo. No período proto-histórico os potiguaras foram os primeiros a ocupar a região de Cuitegi, e os potiguaras eram falantes da língua tupi, portanto, é de se supor que o termo Cuité é tupi e foi tomado também para o português porque esta planta não existe no Velho Mundo, como a arara, ingá e outros nomes brasilíndios que não tinham correspondentes na Europa. Na língua portuguesa arcaica o termo ficou "coeté", portanto, o topônimo original de Cuitegi é Cuité. O termo não se refere a árvore, mas sim à cabaça que era usada para fazer o recipiente, ou seja, a cabaça cortada, se chamava "cuia", como ainda se chama hoje, o nome da árvore que dá o cuité era a "cuiayba".

Então, pela praticidade do indígena, é natural que ele chamasse o lugar de cuité porque ali seria uma rica fonte de cuité, ou seja, cabaças apropriadas para confeccionar cuias e usa-las no dia a dia. Portanto, o nome do lugar é alusivo a sua propriedade de rico em matéria-prima para um produto de vasta utilidade prática, confirmando assim a biotoponímia/flora da região ou da localidade. Na próxima sessão vamos analisar de onde veio o tão famoso "gi", que futuramente aglutina-se ao Cuité, dando origem a Cuitegi.

2.4. Historiografia: desconstrução histórica¹⁵ – “gi”

Antes de começarmos a desconstrução vejamos o entendimento de mitos, pois como abordaremos, o famoso gi aglutinado ao Cuité percebemos que este aproxima-se muito de ser um verdadeiro mito, ao invés, de ser uma homenagem a tal tribo indígena. Portanto:

Todas as sociedades possuem um conjunto de ideias e reflexões próprias sobre a origem do mundo, sobre como foram criados os seres e elementos: os humanos, os animais, as plantas, os rios, as paisagens, os astros, o céu, a terra etc. Muitas vezes essas ideias e reflexões sobre as origens são narradas na forma de histórias, que chamamos de mitos!¹⁶

Com essa definição do que é mito, percebemos que o contexto desta localidade fica bem próximo de uma narrativa mítica em relação ao seu sufixo, pois

¹⁵ É importante observar que neste trabalho, tratamos o conceito de “desconstruir” como uma tentativa de refazer o que vem escrito nos documentos acerca da origem do nome Cuitegi.

¹⁶ Fonte: Povos indígenas no Brasil Mirim. Disponível em: <<http://pibmirim.socioambiental.org/como-vivem/mitos>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

como foi exposto anteriormente, percebemos a presença de um elemento natural neste caso a árvore, portanto, dando sentido ao seu topônimo, ao menos, no que tange ao seu radical. Veja abaixo fotos atuais da cidade de Cuitegi:



Figura 4 – Destaque para Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Disponível em: <<http://expressopb.com/tag/cuitegi-pb/page/3/>> Acesso em: 29 jun. 2014.



Figura 5 – Vista da praça Miguel Fernandes. Disponível em: <<http://expressopb.com/tag/cuitegi-pb/page/3/>> Acesso em: 29 jun. 2014.

Portanto, com a finalidade de darmos andamento acerca do topônimo do município de Cuitegi, começamos com a seguinte pergunta: essa tribo indígena denominada de “Gis” habitou ou passou pelo município mencionado? Para que possamos entender essa problemática, temos que ter em mente que anteriormente

a fundação da vila de Cuité, já existia uma cidade localizada no Curimataú Ocidental denominada “Cuité”. Portanto, a ideia inicial de desconstrução e construção do nome Cuitegi, centra-se em dois momentos: primeiro, que o “gi” seria uma forma de diferenciar-se desse município, citado anteriormente, a qual é a forma mais aceita pelos estudiosos. O segundo momento, seria a constante de que o “gi” seria incorporado como forma de homenagear os indígenas que por aqui passaram. Esta tese, não muito aceita pelos historiadores. Assim, Santos (2007, p. 47), diz:

Com o passar do tempo, a vila de Coité como era também chamada, teve seu nome mudado pelo decreto lei n°. 1.164 de quinze de novembro de 1938, Coité passou a denominar-se Cuitegi, o Gi, segundo dizem teria sido acrescentado como homenagem a uma tribo que habitava a região, mas segundo o historiador Vanderley de Brito (2008, p. 105) nunca houve tribo indígena com esse nome na Paraíba e, portanto, mais certo seria supor que o topônimo foi mudado para diferenciar da cidade homônima do Curimataú, na Serra de Cuité, bem mais antiga do que Cuitegi.

Esta passagem nos confirma que historiadores não acreditam que essa tribo indígena (ao menos com essa nomenclatura) existiu, de fato.

Assim, o fato de haver resquícios arqueológicos dando testemunho de que índios habitaram a região deste município não é prova alguma de que estes indígenas se chamavam Gis, pois não ha nenhuma referência histórica de ter havido um grupo nativo com este etnônimo¹⁷. A região onde está atualmente este município, muito provavelmente, como foi exposto no mapa de José Elias Borges, foi reduto dos potiguaras no período colonial inicial, quando estes indígenas foram impelidos para o interior no processo de conquista lusa do litoral paraibano.

Assim, pensar em desconstruir não é destruir aquilo que foi criado pelos moradores como uma cultura imaterial de determinada localidade. O mito do “gi” incorporado a esse município foi criado e repassado de geração em geração através da memória coletiva, portanto, é na verdade uma desmontagem, decomposição dos elementos da escrita e não tentar destruir uma memória de muitos anos atrás. O objetivo é identificar em documentos e escavações já feitas por arqueólogos na região que tais grupos étnicos não existiram sequer na Paraíba, ao menos aqui, como vimos na citação anterior. Mas, em contraponto a esta citação, a Sra. Luzia

¹⁷ Vocábulo indicativo de nomes de povos, tribos, castas, comunidades políticas ou religiosas que possam ser entendidos num sentido étnico.

mais uma vez nos confirma através de fragmentos que tais índios realmente passaram por aqui, acompanhe:

Antes, passaram! Que eles moraram aqui e tinha muito agave, aqui tinha uma ladeira onde é formada uma casa hoje, várias casas fundaram, né? Fizeram várias casas no local, onde eles viviam no alto do Cruzeiro e nas matas aos redores... Encontraram, assim, coisas dos índios panelas... Eles habitaram aqui no Jacu, também foram encontraram panelas de barro... Artesanato do que eles faziam... Quer dizer, quando foi fundada a vila que agora é Cuitegi fixaram ao redor de Cuitegi, nas matas, né? Os índios que habitaram aqui... Faziam roças... encontraram panelas de barro na igreja e diziam que eram deles¹⁸.

Pelo depoimento da Sra. Luzia, percebemos que realmente esses índios habitaram por aqui, pois ela cita que os mesmos construíram casas (possivelmente de palhas), foram encontradas panelas de barro e isso demonstra um “indício” muito grande da presença destes. Para reforçar essa tese, Santos (2012, p. 42) nos confirma que “a cerâmica é outro traço importante da cultura material de um grupo: vasos, potes, tigelas, pratos, copos etc., eram fabricados para uso doméstico e/ou ritualístico”.

Outro sentido que temos de observar frente ao gi seria a ideia que este não ficaria exposto apenas ao sentido de ser um mito, mas ao mesmo tempo de observamos que este seja também uma corrupção do nome deste município. Que corrupção? Ora, o topônimo deste município é também uma corruptela já do século XX, sem qualquer fundamento indígena, uma adaptação do nome feita na necessidade urgente de haver um nome para o lugar ser elevado a condição de vila, já que havia uma outra vila mais antiga com o nome cuité, como vimos anteriormente. Portanto, é de se supor que o termo Cuitegi foi ideia de algum membro da sociedade local, mediante a urgente necessidade de se mudar o nome, que tinha interesse político na elevação do lugar a vila. Em pesquisas feitas, percebemos que na língua tupi não existe nenhum vocábulo "gi" ou "ji", o único termo do tupi que se aproxima é "jy" que quer dizer "machado de pedra", que, temos que concordar que não tem nada a ver. Portanto, fica claro que quem mudou o nome acrescentando o "gi" não se utilizou do tupi para essa conversão, ou seja, foi uma mudança aleatória e sem qualquer sentido linguístico. Portanto, o termo “Cuitegi por completo”, não é passível de interpretação à luz do tupi ou de qualquer

¹⁸ Entrevista concedida pela professora aposentada, a Sr.^a Luzia Cosmo do Nascimento, em 07/01/2014, Cuitegi, Paraíba.

outra língua nativa. É uma corruptela direta, abrupta e oficial. Ou seja, não foi o nome que foi corrompendo com o tempo, ele foi corrompido abruptamente de um dia para o outro.

Portanto, o que se sabe, é que realmente se pensarmos pelo lado da ciência histórica, esses denominados de “índios Gis” não existiram, desta forma, cai por terra essa tese, esse “mito”; mas se propusermos a observar a cultura local, a memória coletiva dos cidadãos cuiitegienses, esses índios com tal nomenclatura realmente passaram por este lugar e, para efeito cultural, incorporaram ao nome referido e, dessa feita, surgindo assim o “topônimo Cuiitegi”.

Neste capítulo, estudamos o processo histórico em sua construção e desconstrução do município citado. Vimos que a partir de muitos questionamentos e também observação feita no estudo toponímico, percebeu-se que o nome deste município tem suas verdades e seus mitos e, por que não dizer, uma corruptela implícita encontrada em meio à sociedade da época, levantando assim, novos questionamentos acerca de tal. Também percebemos que a várias interpretações acerca da atribuição indígena, assim, ficando ainda mais complicada a identificação de sua toponímia, mas é bem possível que com o que foi exposto ao longo deste capítulo fica mais perceptível sua originalidade, pois como vimos que o passado sempre será uma lacuna a ser preenchida e este não chegará até nós por completo, e em qualquer circunstância as narrativas históricas sofrerão questionamentos.

CAPÍTULO III

FINALMENTE, O QUE É CUITEGI?

3.1. Abordagens feitas durante os capítulos anteriores

No título do terceiro e último capítulo deste trabalho, já observamos a seguinte indagação: Finalmente, o que é Cuitegi? Pois bem, fora visto durante o transcrever do 1º capítulo, que o processo de pesquisa da origem do nome de alguma localidade, seja qual for, é imprescindível que se busque o processo de colonização como fator que vai, inicialmente, nortear o pesquisador em busca de seus questionamentos, uma vez que a formação do território e de sua história de certa localidade sempre se buscou o processo de ocupação inicial, pois foi a frente deste processo que fora possível identificar quais os meios que deram origem ao seu topônimo. Dessa forma, foi possível analisar observando a narrativa transcorrida dos dois capítulos anteriores, que o surgimento da toponímia do município de Cuitegi, inicialmente, fora dada através dos primórdios da colonização, ou seja, quem habitou a região desta localidade antes do processo de colonização, buscando sempre ver a incidência dos povos primitivos, aqueles que fizeram moradia de tal local.

Assim, fomos observando que para o surgimento de tal, primeiro veio o nativo, ou seja, o povo indígena que ia e vinha para esta localidade, depois para dar continuidade à ocupação inicial, surge a figura do colono com a finalidade de expansão territorial, desta forma, desbravando novas terras. Para tal feito, aparece a figura dos holandeses, a fim de descobrirem o famoso sertão. Sertão este, que passara por estas terras denominadas por estes mesmos de Serra da Cupaoba, assim era a denominação que os batavos deram a região que hoje é Cuitegi.

Essas abordagens dos dois primeiros capítulos são de grande valia para que possamos ter uma visão daquilo que foi o processo de conhecimento da origem do nome deste município. Ou seja, para entendermos melhor a construção da toponímia não só desta cidade, mas de outras cidades é de imaginarmos que os topônimos de origem da biotoponímia/flora ligados à vegetação da região e a arqueotoponímia que analisa os “povoados indígenas antigos”, vão consistirem nessas abordagens apresentadas inicialmente, assim estamos nos aproximando

daquilo que é de fato o nome “Cuitegi”. Assim, fomos e vamos à busca de informações históricas e pré-históricas para assim entendermos esta verdadeira odisseia¹⁹ que aos poucos está chegando a uma conclusão.

3.2. Visão popular do nome Cuitegi

Nesta sessão vamos finalizar a ideia da construção do topônimo em estudo. Para tanto, usaremos como ferramenta de construção, as abordagens feitas através das entrevistas realizadas com populares de idades mais avançadas, residentes em tal local desde seu nascimento. Já usamos alguns fragmentos da senhora Luzia no segundo capítulo e agora, introduziremos mais as falas destes populares e, assim, veremos que o nome desta localidade sempre foi visto por estas vertentes que estudamos anteriormente, as quais foram acerca da árvore chamada cuité e os nativos citados pelos mais antigos de gis. Assim, retornemos a pergunta: Finalmente, o que é Cuitegi? Ora, depois de todo um estudo em torno de muitos teóricos acerca do tema, temos agora que retornar ao que deu pano de fundo para a realização da pesquisa, que fora denominada de “história oral”, por meio da visão ou das visões que estes moradores têm acerca da formação da toponímia do município em estudo.

Vamos introduzir e comentá-los alguns fragmentos que nos foram repassados por algumas pessoas a fim de darmos mais credibilidade ao nosso trabalho, respondendo a pergunta feita anteriormente. Mas, observemos o que Caprini nos fala acerca das fontes orais:

Além disso, há as fontes orais que são importantíssimas no estudo regional, sendo muitas vezes a única fonte disponível e que requer uma atenção para que a pesquisa em história regional não fique comprometida com os interesses do entrevistado ou a distorção das respostas. Não negamos a subjetividade na história, mas cabe ao historiador saber conduzir sua escrita. (CAPRINI, ano desconhecido, p. 04).

Assim como já destacamos a história oral no capítulo anterior, agora, novamente, o autor nos fala da importância das fontes orais, ou seja, da busca dar informação por meio das entrevistas. Ele destaca o trabalho ou a pesquisa regional, mas sabemos que esse pensamento exposto acima serve para a história local.

¹⁹ Viagem cheia de aventuras ou peripécias; Série de acontecimentos anormais e variados.

Importante também destacarmos a forma que o historiador deve se comportar frente às respostas dos entrevistados.

Caprini também destaca que essa possibilidade de se fazer história regional ou local só foi possível graças ao movimento dos anais na década de 70:

A renovação historiográfica no século XX, fruto do movimento dos Annales, possibilitou a ampliação dos campos e territórios do historiador. Após 1970, ampliaram-se as discussões sobre abordagens e enfoques na pesquisa em história. Nesse contexto, merece tecermos breves considerações sobre a História Regional. Não é nosso objetivo fazer uma longa discussão teórica sobre o assunto, pois nos limitamos às reflexões sobre a prática que temos em pesquisas locais e que podem contribuir para os historiadores iniciantes através da exposição sobre seu conceito, sua relevância e aspectos do assunto que foram verificados na experiência com o tema. (CAPRINI, ano desconhecido, p. 01).

Ou seja, essas reflexões que estamos tratando neste trabalho é fruto, podemos dizer, de uma revolução da historiografia que tange as mais diversas formas do fazer historiográfico. Mas, vale sempre ressaltar que as fontes orais em uma pesquisa são sempre o último recurso, quando não se tem fontes documentais.

Voltando ao nosso universo de fragmentos colhidos das pessoas mais antigas. Perguntamos ao senhor Manoel Leite, morador antigo e ex-prefeito desta localidade, se o mesmo tinha conhecimento de onde vinha a origem deste nome. Vejamos o que o mesmo respondeu:

O nome Cuitegi, segundo dizem era Cuité. Tinha duas coiteseiras na descida da igreja indo para o rio. Aí dava o nome de Cuité. Mas como existia outro nome Serra de Cuité mudaram o nome para Cuitegi. O nome era Cuité, mas como existia Serra de Cuité, outra cidade, aí mudaram para Cuitegi por causa dos correios... Tava vindo assim, atrapalho do nome, né? Que nem Cuité de Mamanguape, Cuité não sei de onde, né? Aí mudaram para Cuitegi para evitar tanta confusão²⁰.

O que percebemos nesta primeira indagação é que o mesmo relata algumas informações já repassadas pela senhora Luzia Cosmo, dando o entender que esta visão veio se manifestando por muito tempo. Mas, o fragmento do senhor Manoel nos traz uma informação ainda não conhecida. Veja novamente essa passagem do mesmo: "(...) mas como existia Serra de Cuité, outra cidade, aí mudaram para Cuitegi por causa dos correios... Tava vindo assim, atrapalho do nome, né?". O detalhe desse fragmento é acerca dos "correios". Ora, mais uma um motivo da

²⁰ Entrevista concedida pelo ex-prefeito deste município, o Sr. Manoel Leite de Moraes, em 07/01/2014, Cuitegi, Paraíba.

alteração do topônimo desta cidade para Cuitegi. Mas, a intenção nesta seção é destacarmos a visibilidade das pessoas em relação ao nome da localidade onde residem. Indaguei ao mesmo acerca da tão famosa coiteseira e ele respondeu: “Pouco! Poucos pés... tinham uns pés na descida para o rio... Tinha outros pés aqui indo pra Palmeiras... O pessoal que vinha e ia pra Mamanguape, né? Aí descansava, né? Tinha umas coiteseiras”²¹.

Mesmo ele dizendo que existia poucas destas árvores, ele confessa que desde pequeno já se ouvia falar até pelos seus pais que o nome desta cidade sempre foi este e não só seus parentes, mas toda a população desta localidade.

Outra popular local confirma o depoimento do senhor Manoel, desta feita a senhora Maurícia da Silva nos fala da sua experiência de vida em relação ao nome deste município: “Cuitegi que eu ouço falar, né? Já ouvir falar também, e foi por aqui. Era uma terra que tinha muitos pés de cuité, uma fruta que tem chamada cuité... Aí por isso botaram Cuitegi”²².

Notemos que na fala dela, diz a seguinte frase: “Já ouvir falar também...”. A ideia que percebemos de todo esse contexto é de que o local abriga um patrimônio que não pode ser perdido com o passar do tempo. Assim, é o que percebemos na fala dessas pessoas que contam e recontam suas origens, pois, assim, compreendemos que uma terra vale o que produz, mas vale ainda mais pelo que esconde. Ora, a cidade de Cuitegi de agora em diante estará mais aberta a indagações, pois toda essa narrativa que fora produzida em torno da mesma é apenas o início para desvendarmos o que a mesma “ainda” tem a esconder, ou não!

Outro cidadão cuitegiense a fazer jus a essa visão popular e nos ajudou nessa pesquisa foi o senhor Guilherme da Cunha Madruga, também morador antigo da localidade e ex-prefeito da mesma. Ele diz o seguinte: “A origem do nome Cuitegi. É por que antigamente existia uns pés de coité. Aí com esse pés de coité

²¹ Entrevista concedida pelo ex-prefeito deste município, o Sr. Manoel Leite de Moraes, em 07/01/2014, Cuitegi, Paraíba.

²² Entrevista concedida pela Sr.^a Maurícia da Silva, em 07/01/2014, Cuitegi, Paraíba.

botaram o nome Cuitegi”²³. Vejamos que os relatos são os mesmos, confirmando assim e visão popular que toda a população de Cuitegi tem acerca de sua toponímia.

Podemos dizer que a população deste local está sendo comparada ao que vemos na narrativa histórica contada no filme “Narradores de Javé”, onde no mesmo retrata um pouco da origem daquela localidade. A mesma é situada no sertão baiano. O porquê da comparação? É que se observarmos as pessoas mais antigas da cidade fictícia e a cidade em estudo, vamos perceber que surgirão sempre a mesma visão ou lembranças repassadas de geração em geração através da memória coletiva dos cidadãos mais antigos.

Desta forma, chegamos ao fim deste capítulo observando que o sentido do nome Cuitegi está enraizado na mentalidade dos cidadãos cuitégienses desde cedo, pois através dos depoimentos coletados, foi o que se deu pra compreender dessa verdadeira, como dissemos anteriormente, “odisseia” construída a partir de uma árvore? A partir de uma tribo indígena? Ou pelo simples fato de alteração de topônimo, tendo em vista a existência de uma outra Cuité? Ou seja, de Cuité para Cuitegi como uma corruptela política da época? Ficam então os questionamentos levantados durante o transcorrer do texto e para futuras indagações.

²³ Entrevista concedida pelo ex-prefeito deste município, o Sr. Guilherme da Cunha Madruga, em 07/01/2014, Cuitegi, Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção maior da pesquisa foi mostrar que a toponímia dos lugares e, em especial do município de Cuitegi, é um fator que mostra que por trás da origem de determinada localidade, escondem-se nomes de pessoas, grupos étnicos, a vegetação predominante, entre outros fatores, que direta ou indiretamente contribuem para a formação do nome daquela comunidade e não apenas os fatos históricos e linguísticos. Como nos confirma Carvalho:

Entenda-se por topônimo o nome dado a determinado lugar, seja acidente físico (rio, córrego, serra, etc.) ou humano (povoado, rua, capela, etc.). assim, pretendeu-se mostrar que os topônimos não são escolhidos aleatoriamente, pelo contrário, várias são as questões sociopolíticas e culturais que permeiam essas escolhas. (CARVALHO, 2012, p. 01).

Vejam os que a partir da visão da autora, entendemos que realmente os topônimos são representados a partir das mais diversas características que cercam o meio em que os mesmos estão inseridos. Assim, o município de Cuitegi, através do que foi exposto neste texto, fica de agora em diante, com uma visão mais clara e, ao mesmo tempo, aberta a outros questionamentos, uma vez que foram abordados temas que até então estavam silenciados. Enfim, como podemos ver, a pesquisa foi de grande valia, uma vez que foram quebradas muitas indagações em torno da toponímia deste, assim, contribuindo com uma pequena contribuição na formação cultural da sociedade cuitegiense, pois conhecer a história do topônimo do lugar onde se vive é importante para reafirmar a identidade cultural da população. Desta forma, Caprini nos reforça esse sentimento de pertencimento e da importância destes trabalhos, quando se trata de história local ou regional: “Consideramos, assim, que a História Regional, quando devidamente trabalhada, é um campo rico para o historiador em seus estudos e que deve ser considerado em trabalhos de conclusão de cursos, monografias, dissertações e teses”. (CAPRINI, ano desconhecido, p.05). Percebamos, assim, a importância das pesquisas nesta área ainda pouco explorada.

Desta forma, buscou-se entender a origem do topônimo do município de Cuitegi por meio das entrevistas com as pessoas mais antigas e também com um referencial teórico que desse suporte ao trabalho e nos confirmasse toda a literatura exposta no decorrer das narrativas. Vale lembrar que o objetivo da pesquisa não foi

descaracterizar a construção imaginária da memória coletiva dos cidadãos cuiitegienses em relação à visão popular do nome desta localidade, mas sim desconstruir um pouco daquilo que está escrito no “papel” há várias décadas e, assim, proporcionar mais criticidade ao que sempre foi visto como sendo a versão original da formação do topônimo desta cidade.

Assim, concluímos com a visão de que saber a origem do “nome” do local onde se nasceu ou se vive é fundamental para que os habitantes fortaleçam os laços de identidade cultural entre si. Essa identidade também contribui para a elevação da autoestima dos moradores, que podem se apropriar dos fatos para repassá-los e perpetuá-los seja em espaços de propagação do conhecimento, como escolas, em casa ou em rodas de conversa com amigos e outros ambientes onde se propague a cultura de determinada comunidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos** - a fabricação do folclore e da cultura popular nordestina. São Paulo: Intermeios. 2013.

ALMEIDA, José Américo de. Da conquista à colonização nos primeiros tempos. In: MELO, José Otávio de Arruda; RODRIGUES, Gonzaga (Org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo** – por uma seleção de autores. 2. ed. João Pessoa: Edições Grafset, s.d. 1993.

ALVES, Ednaldo. **Guarabira, um olhar sobre o passado**. Solânea: Gráfica Fabrício, 2007.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BORGES, José Elias. Índios paraibanos: classificação preliminar. In: MELO, José Otávio de Arruda; RODRIGUES, Gonzaga (Org.). **Paraíba: conquista, patrimônio e povo** – por uma seleção de autores. 2. ed. João Pessoa: Edições Grafset, s.d. 1993.

BRITO, Vanderley de. Boqueirão de Carnoió: a toponímica como cultura imaterial. **Revista Tarairiú**, Ano II – vol. I, n.3. Campina Grande: Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, 2011.

BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. **Topônimos da Paraíba: um estudo dos vocábulos Banabuyê, Puxinanã e Bruxaxá à luz de idiomas macro-jê para a compreensão do povoamento do brejo paraibano**. Disponível em: <http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n6/art7.pdf>. Acesso em: 16 out. 2013.

BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral**. Rio de Janeiro: Objetiva. 1998.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Pesquisa em história regional: aspectos conceituais e metodológicos**. Disponível em: <<http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/64.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. **Língua e identidade cultural: o estudo da toponímia local na escola**. Disponível em: <<http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/733.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil:** coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar:** o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

HERCKMANS, Elias. **Descrição geral da capitania da Paraíba.** João Pessoa – A União Cia. Ed., 1982.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php>>. Acesso em: 11 ago. 2013.

MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba.** 2. edição. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Moacir Camelo de. **Itinerário histórico de Guarabira.** João Pessoa: Artgraf, 1999.

MIRANDA FREIRE, Carmen Coelho de. **História da Paraíba, período colonial e Brasil-Reino.** João Pessoa – Gráfica universal, 1974.

OLIVEIRA, Iranilson; OLIVEIRA, Catarina. **Paraíba:** meu passado, meu presente, 4º ou 5º ano: livro do aluno. Curitiba: Base Livros Didáticos, 2009.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural:** consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. História, memória e documentação: arquivos, prática historiográfica e a secularização dos cemitérios de Cuiabá nos séculos XIX e XX. In: **História Agora:** a revista do tempo presente. n.9. Dossie. Disponível em: <http://www.historiagora.com/dmdocuments/revista9_DOSSIE_8.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

SAMUEL, Raphael. Documentação: história local e história oral. In: **Rev. Bras. De. História**. S. Paulo. V.9n.19 – 1990, pp. 219-243. Disponível em: <file:///C:/Users/Valter/Downloads/raphaelsamuel.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.

SANTOS, Edson Batista dos. Cuitegi: história política e cultural. In: SANTOS, Juvandi de Souza (Org.). **História local e desenvolvimento regional em cidades da Paraíba**: contribuição para o desenvolvimento historiográfico do estado. Campina Grande: Cópias e Papéis, 2011.

SANTOS, Juvandi de Sousa; SILVA, Maria da Luz. **Da formação dos estados Ibéricos a conquista e colonização espanhola da Capitania Real da Paraíba**. João Pessoa – PB – JRC, 2010.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Costumes indígenas no Brasil do pós-contato**: o grupo étnico/cultural Tarairiú dos Sertões da Paraíba. Campina Grande: Cópias e Papéis, 2012.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais**: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos – 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/SANTOS_MARCIA_MARIA_E_SEABRA_MARIA_CANDIDA.pdf>. Acesso em: 16 out. 2013.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

SEEMANN, Jorn. A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. In: **Revista Vivência**. n.29 – 2005. pp. 207-224. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/publicados_layout.html>. Acesso em: 11 ago. 2013.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História local**: objectivos, métodos e fontes. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

APÊNDICE

LISTA DE ENTREVISTADOS

Guilherme da Cunha Madruga – 73 anos

Em: 07/01/2014.

Luzia Cosmo do Nascimento – 60 anos

Em: 26/06/2013.

Manoel Leite de Moraes – 87 anos

Em: 07/01/2014.

Maurícia da Silva – 70 anos

Em: 07/01/ 2014.

QUESTIONÁRIO

1. De onde veio a origem do nome Cuitegi?
2. Na época de sua fundação como vila, o lugar onde hoje é Cuitegi, existia muitos pés de Coiteseiras?
3. Esses índios com o nome “Gis” passaram por Cuitegi?